

“Só o Zé Lador se lembra deles”: etos e novas formas de produzir notícia

“Only Zé Lador remembers them”: etos and new ways to make news

“Solo Zé Lador los recuerda”: etos y nuevas formas de producir noticias

Gustavo Estef Lino da Silveira ¹

Poliana Coeli Costa Arantes ¹

Bruno Deusdará ¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

As novas tecnologias, em particular, as redes sociais têm desempenhado um papel fundamental na disseminação das notícias em ambientes virtuais e interativos. Junto a esse processo, observa-se também uma preocupação crescente dos jornais impressos de concorrerem com esse espaço e imprimirem um tom interativo às suas notícias. Alguns jornais vêm utilizando as novas plataformas para disseminar seus conteúdos e, com isso, alavancar sua audiência para além das páginas impressas. O contrário também pode ser observado, as redes ocupando as folhas de papel. É justamente esse segundo movimento que nos chama a atenção para a análise no presente artigo. Nesse sentido, buscamos investigar a produção de etos que o Jornal *Extra* (2015) constrói por meio da interação entre leitores e jornal para a elaboração de suas notícias na rubrica “Serviços”. Esta rubrica recebe notícias de seus leitores pelo aplicativo WhatsApp, afirmando que a interação entre ambos é facilitada por esse suporte digital. Nossa análise, foi feita utilizando-se o conceito de etos nos estudos de Maingueneau (1997, 2005, 2008, 2010, 2013). O corpus consta de três notícias publicadas no ano de 2015 e, mostraram que, em princípio, o jornal tenta construir um etos de interação e espaço democrático às críticas sociais enviadas pelo leitor por sua abertura à interação. Entretanto, por trás dessas denúncias, o veículo reivindica para si, através de seu super-herói, um papel de intermediador de problemas de utilidade pública, esvaziando, desse modo, a potência da organização dos cidadãos para a reivindicação de suas demandas.

Palavras-chave: Etos. Análise do discurso. Jornalismo popular. WhatsApp.

ABSTRACT

The new technologies, in particular, social networks have been playing a fundamental role in spreading news in interactive and virtual environments. Alongside this process, it can also be observed a growing concern of printed papers to take part in this space and imprint an interactive tone on their pieces of news. Some newspapers have been using the new platforms to broadcast their content and, therefore, soar their audience rankings beyond the printed papers. It is exactly this second movement that calls our attention to the analysis in the present article. In this sense, we aim at investigating the production of etos that the newspaper *Extra* (2015) builds by means of interaction between their readers and newspaper for the creation of news in the section “Services”. This section receives news from readers by the app “WhatsApp”, stating that the interaction between them is facilitated by this digital support. Our analysis was done with the use of the concept of etos in the studies of Maingueneau (1997, 2005, 2008, 2010, 2013). The corpus consists of three pieces of news published in 2015 and they showed that, at first, the newspaper tries to convey an etos of interaction and democratic space to the social criticism sent by the readers due to the openness to interaction. However, behind these denunciations, the vehicle claims for itself, through its super-hero, a problem-solver role of public affairs, emptying, in this way, the citizens’ potential of organization to claim for their own demands.

Keywords: Etos. Discourse analysis. Popular journalism. WhatsApp.

RESUMEN

Las nuevas tecnologías, en particular las redes sociales, han tenido un papel fundamental en la difusión de noticias en entornos virtuales e interactivos. Al lado de este proceso, también hay una creciente preocupación por los periódicos impresos para competir con este espacio e imprimir un tono interactivo en sus noticias. Algunos periódicos han utilizado las nuevas

plataformas para difundir su contenido, aprovechando así su audiencia afuera de las páginas impresas. También se puede observar lo contrario, las redes ocupan las hojas de papel. Es precisamente este segundo movimiento el que nos importa en el análisis en este texto. En este sentido, buscamos investigar la producción de etos que el periódico *Extra* (2015) construye a través de la interacción entre lectores y periódico para la preparación de sus noticias en los "Servicios". Esta sección recibe noticias de sus lectores a través del "WhatsApp", indicando que la interacción entre ellos es facilitada por este soporte digital. Nuestro análisis se realizó utilizando el concepto de etos en los estudios de Maingueneau (1997, 2005, 2008, 2010, 2013). El corpus consta de tres noticias publicadas en el año 2015 y mostró que, en principio, el periódico trata de construir un ideal de interacción y espacio democrático para la crítica social enviada por el lector por su apertura a la interacción. Sin embargo, detrás de estas denuncias, el vehículo reclama para sí mismo, a través de su superhéroe, un papel de intermediario de los problemas de servicios públicos, agotando así el poder de la organización de ciudadanos para reclamar sus demandas.

Palabras clave: Etos. Análisis del discurso. Periodismo popular. Whatsapp

Introdução – "Os buracos, a lama e o cheiro forte de esgoto"

Neste artigo, discutimos os efeitos produzidos nas práticas de elaboração de notícias em jornais impressos, promovidas pelo acionamento de estratégias de ampliação da interatividade entre as grandes empresas de comunicação e seus leitores. Tais estratégias de ampliação do "contato" dos leitores com a editoria do jornal propõem-se a não apenas receber as reações às matérias lidas (uma modalidade que estaria muito próxima das clássicas editoriais com "cartas dos leitores"), mas especialmente a elaborar textos a partir da interferência dos leitores.

Observou-se no ano de 2015 um crescente investimento, por parte dos jornais impressos fluminenses, como jornal *Extra* e jornal *O Globo*, em um movimento de busca pela chamada interatividade entre seus leitores através das redes sociais. Esses jornais passaram a divulgar *links*, números de telefones e logotipos de redes sociais em seu material impresso, a fim de pretensamente aumentar a interação entre as demandas de seu público e a redação do jornal.

Imagem 2 – Logomarca atribuída às notícias provenientes do aplicativo WhatsApp



Fonte: Jornal *Extra*, 10 mar.2015¹.

Nos anos 1990, o conceito de interação permitia que o público pudesse, através de uma ligação telefônica, escolher qual entre duas sequências de encerramento de uma curta narrativa – já previamente gravadas e parcialmente anunciadas ao longo do programa – se desejava ver, no programa "Você decide". Nos dias de hoje, a internet, chamada de *web 2.0*, propõe um conceito de interatividade que ultrapassa a tela *touchscreen*, penetrando inclusive o jornal impresso. Essa incorporação de novos dispositivos de comunicação se dá em um contexto de redefinição dos lugares atribuídos ao impresso, ao televisivo e ao virtual na contemporaneidade.

Essa ordem de questionamentos deverá ser apreendida por investigações que investiam de modos distintos nas práticas de comunicação, em diferentes suportes. De nossa parte, estamos interessados em compreender como uma alteração no modo de constituir as estratégias de interatividade parece colocar em evidência um novo modo de conceber o gênero do discurso notícia de jornal impresso e, por consequência, o modo de enunciá-lo, de constituir o etos do enunciador-jornalista.

De um ponto de vista discursivo, trata-se de colocar em discussão a ideia de que o ato enunciativo básico da imprensa escrita seja informar. Longe de considerar "informar" ou "opinar" como polos alternativos nas práticas de comunicação, preferimos considerar a conjunção aditiva "e": informar e opinar como "constituintes naturais do texto jornalístico informativo, levando a imprensa a ser participante ativa dos movimentos sociais de um determinado grupo, no interior do qual ela é produzida" (SANT'ANNA, 2004, p. 87).

Neste artigo, trataremos especialmente da proposta de interlocução com o leitor promovida pelo Jornal *Extra*, com a emergência de um personagem: o Zé Lador. A despeito da expectativa de "informatividade", presente nos manuais de jornalismo, o referido personagem parece estar a serviço de um perfil de enunciador-jornalista que

¹ Disponível em: <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2015&mo=3&da=10&e=mais+baixada&gr=true>. Acesso em: 08 out. 2019.

se desloca e compõe um novo modo de enunciação. Procedimentos como a captação da voz do leitor, ironia na elaboração de títulos, críticas francamente opinativas parecem redesenhar um contorno classicamente reconhecido ao gênero do discurso notícia.

“O asfalto fica só na promessa” – a perspectiva discursiva

Neste item, discutimos os princípios teóricos que orientam nossas práticas em Análise do Discurso, situando, desse modo, o quadro conceitual a partir do qual a noção de etos se caracteriza como um dispositivo analítico potente para interrogar o funcionamento de deslocamentos contemporâneos que se realizam nas instâncias midiáticas. Como se poderá observar mais adiante, o tipo de fenômeno com o qual estamos lidando, a saber o acionamento de estratégias de “maior proximidade” entre a editoria de um jornal popular impresso e seus leitores, exigirá um uso específico dos dispositivos em questão. Por essa razão, optamos por constituir uma breve delimitação dos princípios teóricos e de alguns de seus efeitos nas práticas analíticas de uma AD que investe sobre a abordagem do funcionamento enunciativo dos discursos.

Primado do interdiscurso e a hipótese da semântica global

Antecipando as premissas teóricas que orientam nossas análises, ressaltamos a contribuição fundamental de M. Bakhtin (2011), para quem os enunciados integram “um elo na cadeia de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p.299). Como elos, os enunciados inscrevem-se nessa “cadeia”, configurando ativamente esses vínculos, estabelecendo-se, por meio deles, relações de concordância, afastamento, neutralidade aparente, entre outros. Dito de outro modo, a remissão de um enunciado a outro comporta igualmente um ato, que é simultaneamente avaliação e instauração de certa qualidade de relação entre eles.

A partir dessa elaboração, Authier-Revuz (2004) postula a existência de “formas de heterogeneidade mostrada” no discurso, “entendidas como manifestando diversos tipos de ‘negociação’ do sujeito falante” com a “heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 11). É inicialmente mediada por essa elaboração que as reflexões de M. Bakhtin integram o horizonte teórico proposto por Maingueneau (2005), assumindo, então, que “o interdiscurso tem precedência sobre o discurso” (2005, p.21). E é essa formulação de um “primado do interdiscurso” que viabiliza um caminho produtivo para repensar o que nos anos 1960 e 1970 ainda

comparecia como uma insistência do “Mesmo sobre o Outro” (Pêcheux, 1983).

Avançando nessa proposta, Maingueneau sugere considerar “a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo” (2005, p. 39). Trata-se justamente de uma operação importante no percurso histórico das Análises do Discurso a compreensão acerca dos funcionamentos das formações discursivas (FD), sem que se fundamente em uma pressuposição delimitada entre um “dentro” e um “fora”. A proposta do autor encontra sua potência em sugerir que mesmo o funcionamento intradiscursivo seja sempre compreendido como parte das lutas que um discurso investe em relação àquele que se constitui como seu Outro.

Circunscrever o interdiscurso ao “exterior” de uma FD pareceu sugerir certa permanência da “interioridade” dessas formações, mantendo-se como um indesejável “centro de gravidade” que, em certa medida, ainda as retirava de uma inscrição radicalmente histórica. Considera-se, desse modo, que a própria identidade de um discurso se produziria como um trabalho constante de separação daquele que se instituiria como seu Outro:

Quer dizer que esses enunciados têm um “direito” e um “avesso” indissociáveis: deve-se decifrá-los sobre seu ‘direito’ (relacionando-os a sua própria formação discursiva), mas também sobre seu ‘avesso’, na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso de seu Outro (MAINGUENEAU, 2005, p.40).

Inscrevendo-se no contexto da renovação teórica proporcionada pela entrada da problemática da heterogeneidade enunciativa no campo dos estudos do discurso (GREGOLIN, 2004), Maingueneau (2005) ressalta que o primado do interdiscurso recusa a precedência das identidades fechadas: “no nível das condições de possibilidade semânticas, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada” (MAINGUENEAU, 2005, p. 38). Recusando-se a precedência das identidades discursivas, caberia, do ponto de vista que emerge dessas reflexões, uma proposta de trabalho sobre esse “espaço de trocas” em constante reelaboração.

Como já apontamos acima, uma consequência necessária residiria em não assumir a estabilidade das formações discursivas. Em outras palavras, seria importante não definir como ponto de partida a existência de uma dada formação, mas sim observar de que modo o debate constante que se realiza entre elas como um “objeto” de investigação.

Nessa direção, Maingueneau considera que reconhecer o primado do interdiscurso “é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide*

com a definição das relações desse discurso com seu Outro" (MAINGUENEAU, 2005, p. 38, grifo do autor).

Esse "sistema de restrições semânticas", tal como definido em *Gênese dos discursos*, ainda buscará compreender o funcionamento das formações discursivas, procurando delimitar esse "filtro que fixa critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto de textos possíveis" (MAINGUENEAU, 2005, p. 49).

Nesse momento, o autor postula o trabalho sobre uma "semântica global", que "não apreende o discurso privilegiando tal ou tal de seus 'planos', mas integrando-os a todos, tanto na ordem do enunciado quanto na ordem da enunciação" (MAINGUENEAU, 2012, p. 79).

Em *Gênese dos discursos*, os planos apresentados pelo autor se organizam do seguinte modo: "intertextualidade", destacando-se o fato de que as menções de diferentes modos contribuem com a observação, na materialidade citada, o inventário citável reivindicado por um discurso; "vocabulário", explicitando os usos diversamente "orquestrados" por um discurso; "temas", ressaltando temas "impostos" por um campo do discurso e seu jogo de (re)apropriações; "estatuto do enunciador e do destinatário", acentuando uma espessura institucional que torna possível um discurso; "dêixis enunciativa", observando não a apreensão de coordenadas "externas", mas a instauração da dimensão espaço-temporal pelo próprio ato de enunciação; "modo de enunciação", contendo os elementos fundamentais que integrarão a apropriação que o autor proporá da noção de etos (tom, caráter e corporalidade); "modo de coesão", destacando não haver qualquer razão para supor um divórcio entre o modo como se constituiriam as relações interdiscursivas do agenciamento que se configura no intradiscorso.

Como se evidencia na lista de planos apresentada anteriormente, ainda não se encontravam delimitados certos dispositivos analíticos que se tornarão marcas da contribuição teórica do autor, tais como cenografia, etos e código linguageiro, embora, como igualmente destacamos acima, certos traços fundamentais dessas definições já se encontravam presentes, enfatizado por nós na menção ao "modo de enunciação". Considerando nosso interesse particular pela noção de etos, no presente artigo, parece-nos importante salientar variação nos dispositivos adotados, ainda que pouco tematizados pelo próprio autor. Se a orientação por um trabalho de delimitação de "um sistema de restrições semânticas" ceder lugar, na obra do autor, para o investimento em dispositivos analíticos como os de cenografia, etos e código linguageiro (MAINGUENEAU, 1997, 2001) que contribuem com a problematização dos regimes enunciativos dos discursos, de nossa parte, consideramos ainda ser possível remeter a uma hipótese da semântica

global, pautando-nos especialmente pelas considerações destacadas por Rocha (2011):

Contrariando uma perspectiva reducionista do próprio enunciado e, é claro, da enunciação, como a que apresento no parágrafo anterior, sustentarei que o que se diz é efetivamente "dito" de várias maneiras: diretamente nos "conteúdos" e, não menos diretamente, no modo de dizer – uma certa escolha de tom enunciativo ou um certo exercício de língua que culmina na produção de um código linguageiro são tão constitutivos dos efeitos de sentido produzidos em um texto quanto a escolha lexical ou a seleção de um tema (ROCHA, 2011, p. 13).

Sem dúvida, a hipótese da semântica global instaura um modo de operar sobre o espaço da discursividade que não se restringe a uma configuração de uma luta entre identidades discursivas prévias, mas, sim, um espaço em constante reelaboração pelas próprias tensões que se desdobram entre os discursos. Trata-se de um trabalho analítico que, de algum modo, restitui a espessura institucional da discursividade, inscrevendo-se em uma arena de embates. Ao que parece, o estilçamento das identidades das formações discursivas tornou-se possível pela consideração de regimes enunciativos atravessados por "planos" diversos. Por definição, esses planos não são hierarquizáveis e se mesclam de acordo com uma constante elaboração histórica: "o plano enunciativo não se submete a hierarquias, não classifica seus diferentes constituintes e não admite que se localize a produção de sentido como privilégio de seja qual for de seus dispositivos" (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2012, p. 33).

Gênero do discurso, cenografia e etos: dispositivos em (re)configuração

Tendo proposta a delimitação dos princípios teóricos que orientam nossa prática de análise, neste item, procederemos a uma definição dos dispositivos analíticos que consideramos especialmente produtivos.

Com a publicação de *Novas Tendências em Análise do Discurso*, originalmente em 1987 e a versão em português em 1997, a noção de "gêneros do discurso" assume centralidade na organização das práticas de análise. Remetendo à definição de Bakhtin (2011), segundo o qual os gêneros configurariam "tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 2011, p. 262), Maingueneau (2013) propõe critérios operacionais que, a nosso ver, são bastante produtivos: i) finalidade reconhecida; ii) estatuto legítimo entre os parceiros da enunciação; iii) coordenadas de tempo e espaço; iv) *midium*; e v) organização textual.

Embora tenha assumido um papel coadjuvante na delimitação dos planos de uma semântica global no

empreendimento analítico do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, na obra do autor, o dispositivo do gênero do discurso ganha, a partir de meados dos anos 1980 e, especialmente com a publicação de *Análise de Textos de Comunicação*, em 1998 na França e, em 2001, no Brasil, um lugar central. Dessa noção se configurará o quadro cênico, para o qual concorrem o tipo de discurso reivindicado e o gênero no qual se inscreve um texto. Nesses termos, o quadro cênico “define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (MAINGUENEAU, 2013, p.97). Diante desse espaço estável, a cenografia comparece como “a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo” (MAINGUENEAU, 2013, p. 98).

Configurada desse modo, a cenografia também contribui para a inscrição de um etos, que, nos planos originalmente delimitados na proposta de semântica global, remetia, em certa medida à ideia de que todo texto possui um “tom”, comportando um “caráter” e uma “corporalidade” a quem fala. “Maneira de ser” associada a uma “maneira de dizer”, o etos é indissociável da cenografia o torna possível e contribui para sua legitimação. Fala-se em um “paradoxo constitutivo”: “é por meio de seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer” (MAINGUENEAU, 2013, p. 108).

Seria ainda preciso recuperar que a ação do etos sobre o coenunciador se instauraria, segundo Maingueneau (2013), por um procedimento denominado de “incorporação”: i) a própria enunciação contribuir para conferir um “corpo” ao enunciador; ii) o coenunciador “incorpora” traços que remetem a uma maneira específica de habitar o mundo; iii) esse “corpo” e os traços ativados nesse processo constroem uma comunidade imaginária, que reivindica adesão dos coenunciadores (MAINGUENEAU, 2013, p. 109).

Considerando a produtividade dessa articulação entre a elaboração de um etos e a instauração de uma cenografia, gostaríamos de introduzir, de um modo ainda preliminar, alguns questionamentos que uma leitura do material a ser submetido à análise provoca. Nas três notícias em questão, observam-se procedimentos pouco usuais, tais como a não correspondência entre um título e o conteúdo desenvolvido ao longo da notícia. Em N1, o título “Só o Zé Lador se lembra deles” em nada contribui com a leitura do debate que se seguirá a respeito de condições insalubres da uma via pública em um município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao contrário, a presença do elemento “só” sugere uma avaliação negativa sobre um enunciado pressuposto: “Ninguém mais se lembra deles”. Essa relação entre avaliações positivas e negativas – que evidenciam o caráter aparentemente opinativo de um texto – parecem se contrapor justamente

com um perfil de enunciador que se pretende instaurar em notícias: um etos ponderado, constituído, entre outros aspectos, por recursos linguísticos pretensamente capazes de neutralizar polêmicas.

Segundo essa sensibilidade de análise, consideramos ser possível aproximar os impasses que ora identificamos em nosso material de análise à advertência de Rocha (2013) formula a respeito da articulação entre as noções de gênero do discurso e cenografia. Se a delimitação do quadro cênico a partir das cenas englobante (que remete ao tipo de discurso) e genérica (que se inscreve no gênero do discurso) como “espaço estável” permite considerar a cenografia como posterior e, por consequência, construção “acidental” desse espaço estável, o material que analisamos interroga a própria estabilidade dos gêneros. Nesse sentido, as advertências elaboradas por Rocha (2013), na articulação dessas noções, parecem-nos especialmente produtiva. Segundo Rocha (2013), seria preciso recusar os seguintes aspectos:

- as coerções genéricas sejam anteriores à escolha de uma cenografia e que, por esse motivo, existam gêneros que permitem ou não um investimento diversificado no que diz respeito à cenografia;
- as coerções genéricas representem algo da ordem do essencial, cabendo à cenografia um lugar acidental;
- as coerções genéricas sejam da ordem do social, diferentemente da cenografia, expressão de uma individualidade (ROCHA, 2013, p. 144).

As recusas elaboradas anteriormente nos implicam com um uso articulado entre as noções de gênero e cenografia que poderiam ser formulados a partir de uma reflexão acerca da tensão entre estabilização de formas e a ação de forças em composição sempre provisória na configuração das práticas de linguagem:

investir em um gênero (isto é, investir em uma forma mais estabilizada) é necessariamente investir em forças em oposição (ou seja, investir em cenografias). Tal embate de forças/formas pode ter graus de visibilidade variados: pode haver uma maior ou menor exibição da presença desse elemento de alteridade que vem ressignificar as formas mais estáveis (ROCHA, 2013, p. 145).

“Porque a gente já sabe que vai sujar de lama de novo”: interatividade e etos em notícias do jornal *Extra*

Neste item, analisamos os efeitos de sentido inscritos na construção da notícia, elegendo especialmente o etos como dispositivo analítico para contribuir com a apreensão dos deslocamentos nas práticas de elaboração jornalística. Consideramos, conforme exposto anteriormente, que a

instauração de um etos é solidária com a configuração de uma cenografia, que procura legitimar o próprio ato de enunciação da notícia.

De acordo com o que expusemos no item anterior, um “novo” modo de enunciar parece colocar em questão a possibilidade de delimitar um quadro cênico, articulando tipo e gênero do discurso. A pista que desejamos percorrer é a de que o que se exhibe é a própria reivindicação do estatuto de “notícia” para o que se elabora. Estamos, desse modo, construindo a hipótese de que a “notícia” talvez não correspondesse ao “ponto de partida” em relação ao qual uma nova cenografia se estabeleceria. De acordo com o que poderemos ver na sequência, os diversos traços de estabilização da forma constituída “notícia” serão perseguidos como efeitos a serem conquistados.

Por essa razão, adotaremos como procedimento analítico a delimitação de elementos reconhecidamente mais estáveis do gênero notícia, por considerá-los com maior frequência nas três notícias, e dos elementos menos estáveis, que apresentam menor recorrência nas notícias analisadas.

Com relação aos elementos mais estáveis, observamos certa estabilidade na localização das notícias no jornal sob a mesma rubrica: “Serviço”. Esta localização já contribui para a produção de etos do jornal, produção associada à prestação de serviços, investimento muito recorrente em jornais populares, que se diferenciam de jornais sensacionalistas, sobretudo por buscarem oferecer entretenimento e serviços a seus leitores (ARANTES, 2013, p. 21).

Elementos da organização textual das notícias também merecem destaque para a produção de certa estabilidade: há um título, um subtítulo, um texto distribuído em três colunas e uma fotografia. Ainda evidenciando certa estabilidade, nota-se que as duas primeiras colunas de texto são sempre mais curtas do que a terceira, justamente para darem lugar à fotografia, que parece funcionar como “prova” do que está sendo noticiado.

Encontra-se ainda uma assinatura para as notícias – que corresponde à mesma pessoa para as três notícias analisadas aqui – junto a um endereço eletrônico que parece corresponder a uma seção da redação do jornal: falabaixada@extra.inf.br. O endereço eletrônico disponibilizado contribui também para o reforço da construção de um etos que parece atribuir ao jornal o papel de prestador de serviços, mediando a comunicação entre setores da sociedade, moradores da Baixada Fluminense, e o poder público.

O endereço eletrônico responde a uma demanda de um possível lugar de fala, que é acionado pelo pressuposto de que esse grupo não teria outro dispositivo para expressar suas reivindicações, a não ser no espaço do jornal, onde sua voz seria bem-vinda e, mais do que isso, considerada.

Outro dado que nos parece merecer atenção por contribuir com a inscrição de certa estabilidade é o modo de exibição da fotografia. Em todas as três notícias analisadas, a discussão se constrói a partir do debate acerca do abandono de vias públicas por parte do poder público – o que parece igualmente pretender uma estabilidade menos visível, aquela que faz supor certo estatuto para a temáticas das reivindicações “autorizadas”, pede-se, por exemplo, asfaltamento de vias em bairro, mas nunca (?) melhores salários para os profissionais de educação das escolas do mesmo bairro.

A presença da fotografia – elemento já identificado como frequente nas diferentes ocorrências da notícia – constitui-se como outro dado de estabilidade. O efeito produzido por essa recorrência parece sugerir certa vinculação entre o que se diz e o que ocorreria em dada empiria. Reiterando o verbal, as fotografias buscam corroborar as denúncias noticiadas ao apresentarem as vias em primeiro plano e legendas que ajudam na descrição dos problemas apresentados: “Além da lama, a rua Gago Coutinho está cheia de buracos” (BITTENCOURT, 18 maio 2015, p. 2²). Essa dupla repetição contribui pretendida – entre o noticiável e o observável, entre o verbal e o não verbal – reforçam traços de autenticidade e fidelidade à instância enunciativa.

Ao contrário do que habitualmente se encontra, as fotografias presentes nas notícias em análise não possuem marca explícita de identificação de autoria. No canto superior direito, observa-se a figura da personagem Zé Lador, que é caracterizada como um super-herói, e a inscrição “Essa informação chegou por aqui”, com o número do WhatsApp do jornal.

Imagem 2 – Zé Lador



Fonte: Jornal *Extra*, 4 maio 2018³.

² Disponível em: <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2015&mo=5&da=18&e=mais+baixada&gr=true>. Acesso em 8 out. 2019.

³ Disponível em: <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2015&mo=5&da=4&e=mais+baixada&gr=true>. Acesso em 8 out. 2019.

Por meio dessa apresentação indireta de autoria, pode-se inferir que as informações que embasaram a notícia, bem como a fotografia, chegaram por meio do aplicativo WhatsApp e articulam corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre virtual e empírico, imagético em e verbal.

Nesse caso, a notícia, embora não tenha sido elaborada pelos leitores do jornal, assume uma “vocalidade” que se manifesta em uma multiplicidade de “tons”, associados “a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um ‘fiador’, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Esse corpo que enuncia se mistura em múltiplas vozes que falam na notícia do jornal: o leitor que utiliza o WhatsApp e que possui uma demanda (“reclama”, reiteradamente), o jornalista-anônimo que incorpora o etos de mediador entre o leitor e o poder público, escrevendo a notícia e denunciando o descaso das autoridades públicas, a voz do poder público (introduzidas por marcas linguísticas como “informou” e “de acordo com”, sempre apreendidas como promessas futuras), e o super-herói da rubrica “Serviços” do jornal (igualmente objetificado por uma instância que “orquestra” as diferentes vozes postas em cena).

Concorrendo com os limites razoavelmente estáveis no gênero notícia, a atividade de apuração dos textos em análise já não parece estar sob a batuta do enunciador-jornalista que “apura e redige”. Entre as instâncias de “apuração” e “redação”, configura-se um super-herói, que encarna representações coletivas estereotípicas desse personagem em história em quadrinhos ou em filmes de ficção, sobretudo pela vestimenta (capa, botas, luvas, roupa de lycra com primeira letra do nome no peito) e pela estrutura corpórea, associada à força física para o combate dos inimigos. Desse modo, o super-herói Zé Lador confere ao etos do enunciador-jornalista traços de salvador dos oprimidos, daqueles que não têm voz, abandonados pelo poder público e parece, ainda, inscrever em sua corporalidade um traço que o identifica à comunidade da Baixada Fluminense: sua negritude⁴.

Nesse sentido, o jornal parece investir em uma possível identificação dos leitores à corporalidade assumida pela personagem Zé Lador e, nesse sentido, investe em um discurso sutil de publicidade do jornal, pois, como afirma Maingueneau (2008, p. 19), “o discurso publicitário mantém, por natureza, uma ligação privilegiada com o ethos; ele busca efetivamente persuadir ao associar os produtos que promove a um corpo em movimento, a uma maneira de habitar o mundo”.

Paradoxalmente, os traços de valentia e proatividade que ganham forma na exibição de um super-herói parece contrastar com um perfil de leitor que não “apenas se informa”, de acordo com as imagens estabilizadas. É preciso, portanto, incorporar, assimilar “um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo”, corpo este que corresponde à comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 18). E o jornal investe na reiteração da ausência do estado, no discurso do abandono das comunidades menos favorecidas, a fim de fortalecer seu lugar como mediador na busca pela solução de conflitos.

Outro ponto que nos chama a atenção nos três textos é que eles apresentam uma construção de *lead* bastante frequente: “moradores [...] reclamam” e “moradores [...] contam” O discurso relatado, portanto, cria o efeito de testemunha ao jornal, ou ao jornalista, que está permitindo que a reclamação dos moradores de bairros da Baixada Fluminense seja publicada.

No entanto, o discurso relatado toma outras formas ao longo do texto, pois, em todas as três notícias, observa-se a recorrência do discurso direto, recolhido pelo super-herói Zé Lador e comentado e organizado pelo jornalista: “Outro problema da rua é a falta de calçadas. – No lugar da passagem, o que os moradores têm é matagal – reclama o estudante: – A Prefeitura de Japeri não faz limpeza há muito tempo.” (BITTENCOURT, 18 maio 2015, p. 2).

Como não há marcações tão explícitas da entrada da voz dos moradores, às vezes ela se confunde com a voz do enunciador da própria notícia. Essa miscelância de vozes e, sobretudo, ao interpretar e descrever os problemas encontrados pelos moradores, o enunciador constrói um etos de conhecedor da realidade enfrentada pelos moradores, como um bom entendedor dos problemas enfrentados por eles. O jornal cria, portanto, um etos de fiel defensor desse grupo.

Essa construção também é reiterada pelo enunciador, ao esboçar uma imagem ao Zé Lador, de personagem atento às demandas: “O nosso herói Zé Lador quis saber como a rua fica em dias de chuva” (BITTENCOURT, 4 maio 2015, p. 2).

Esse tom narrativo às ações do Zé Lador para chegar às demandas dos moradores da Baixada Fluminense, cria também um espaço ficcional que gera dúvidas sobre a resolução dos problemas no mundo “real”, mas ao mesmo tempo, cria também um contexto irônico à situação: já que a população está abandonada, só mesmo recorrendo-se ao mundo ficcional para retirá-los dessa realidade. No entanto, o jornal parece não investir tanto nesse espaço ficcional a ponto de ele ser considerado como uma narrativa ficcional, pois ao misturar elementos do “real”

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/negros-e-pardos-sao-675-de-vitimas-de-crimes-letais-no-rio-segundo-isp.html>. Acesso em: 8 out. 2019.

(nomes dos bairros, nomes dos moradores, fotografias de lugares reais e nomes de instituições que existem), ele cria um campo verossímil que confunde "real" e "ficcional", mas mantendo-se mais o status de realidade do que de ficção, até porque está sendo veiculado em um suporte jornalístico e porque mantém as características da cenografia do gênero notícia.

Essa estratégia pode proteger o jornal contra possíveis questionamentos sobre a não solução dos problemas e, parece ser mesmo por esse motivo, que o jornal investe na construção de um etos de mediador, reiterado sempre pelo último parágrafo das notícias, em que encaminha as demandas dos moradores à Secretaria de Obras dos respectivos municípios: "A Secretaria de Obras de Japeri informou ao nosso herói que enviará uma equipe de técnicos até a Rua Viriato Correa para avaliar a situação do local e tomar as providências necessárias" (BITTENCOURT, 30 abr. 2015, p. 2).

Até a formulação do encaminhamento das demandas é repetido, pois há pouquíssima variação na construção das frases: "A Secretaria de obras [...] informou"/"De acordo com a Secretaria de Obras"; "enviará equipe de técnicos [...] para avaliar a situação [...] e tomar as providências necessárias".

Observa-se, ao longo da presente análise, que até agora só ocuparam a discussão os elementos mais estáveis presentes na notícia, como indícios para a construção do etos de mediador dos problemas apresentados pelos moradores da Baixada Fluminense.

Os elementos menos estáveis, portanto, tiveram presença minoritária nas notícias, sendo identificados os seguintes:

- i) pequena variação dos municípios apresentados como abandonados pelo poder público: Japeri, Duque de Caxias; maior variação dos bairros: Santa Amélia, Campos Elíseos, Jardim Transmontano.
- ii) variação dos nomes, da idade e da profissão dos moradores nas três manchetes: Hilton Cordeiro, 72 anos, pedreiro; Jorge Gouvêa, 40 anos, motorista; Diego Sousa, 19 anos, estudante. Nota-se que nenhuma variação quanto ao gênero dos moradores foi identificada.

Observa-se, portanto, que os demais elementos de configuração da cenografia da notícia e da construção do etos de mediador e de "salvador" dos moradores, por parte do jornal, são reforçados, favorecendo, desse modo, a reiteração do sentido de impotência nos moradores-cidadãos diante de disputas pela atuação do poder público: "Ele [morador de Duque de Caxias] espera que, com a ajuda do Zé Lador, a situação, pelo menos seja amenizada: – Precisamos de ajuda!" (BITTENCOURT, 18 maio 2015, p. 2).

Considerações finais – "O Zé Lador vai continuar de olho no problema"

Neste artigo, o interesse por um fenômeno midiático contemporâneo – o projeto de estabelecer maior "proximidade entre a editoria de um jornal e seus leitores" – nos impulsionou a recuperar a constituição de percurso histórico de certas práticas em AD, especialmente aquelas que investem em uma abordagem enunciativa dos discursos.

Parece-nos fundamental registrar a produtividade dos empreendimentos analíticos proporcionados pela tomada de posição em torno do primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005). Tal tomada de posição promove desdobramentos produtivos não apenas nas definições dos dispositivos analíticos propostos, mas, principalmente, na instauração de um tipo de perspectiva que parece se mover primordialmente pelos embates, pelos movimentos, em detrimento das identidades e das estabilidades.

Esse tipo de condução da proposta de reflexão, acentuado radicalmente por Rocha (2011, 2013), viabiliza interrogar as formas constituídas, como pretensamente estáveis. Foi justamente essa ordem de reflexões que observamos em destaque, nas análises empreendidas. Registre-se que o gesto analítico assumido por Rocha (2013) possibilitou que compreendêssemos os traços de estabilidade que remeteriam à notícia como elementos que contribuem com certa cenografia de "notícia".

A flexibilização na dinâmica originalmente instaurada pelo quadro cênico – cena englobante/cena genérica gerando acidentalmente cenografia – permitiu ver emergir um perfil de enunciação-jornalista que parece buscar "terceirizar" os seus serviços: apreende dados de uma apuração realizada pelo super-herói Zé Lador. Em um inusitado regime de espelhos, o enunciação-jornalista que suprime o trabalho de apuração e adere aos aplicativos eletrônicos "encontra" o cidadão que igualmente suprime as instâncias de reivindicação/mobilização social e adere ao uso do aplicativo. Ambas as instâncias são capturadas por "assinaturas individuais" – corpos-sem-coletivo – que constituem a "atualidade" como o tempo das ações "em atalho" – aplicativos que suprime encontros, mobilizações profissionais e cidadanias ativas. As comunidades imaginárias reúnem corpos individuais que operam aplicativos, suprimem encontros. Em outras palavras, performances que contribuem para a contração dos espaços de associação e mobilização coletiva em favor do consumo de informações e criação de circuitos de textos que fazem ver corpos individuais, solitários...

Referências

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARANTES, Poliana Coeli Costa. Imagens de aprendizes de ALE em livros didáticos e o disciplinamento dos saberes. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 34, maio-ago. 2018, p. 1-30. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/143789/138429>. Acesso em: 20 maio 2018.
- ARANTES, Poliana Coeli Costa. *O jornal popular brasileiro e o Boulevardzeitung alemão*: análise do discurso jornalístico em produção e em recepção. 2013. 243 f., enc. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013. <https://doi.org/10.14295/2596-2221.xviceel.2018.151>
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2004. p. 11-49.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BITTENCOURT, C. Só o Zé Lador se lembra deles. *Extra*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2015, Baixada, p. 2. Disponível em: <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2015&mo=4&da=30&e=mais+baixada&gr=true>. Acesso em: 08 out. 2019.
- BITTENCOURT, C. Asfalto fica só na promessa. *Extra*, Rio de Janeiro, 04/05/2015, Baixada, p. 2. Disponível em: <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2015&mo=5&da=4&e=mais+baixada&gr=true>. Acesso em: 08 out. 2019.
- BITTENCOURT, C. O ‘lama jato’ do Transmontano. *Extra*, Rio de Janeiro, 18/05/2015, Baixada, p. 2. Disponível em: <https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2015&mo=5&da=18&e=mais+baixada&gr=true>. Acesso em: 08 out. 2019.
- CARNEIRO, Maria Angélica Lauretti. Cenografia e ethos: legitimação enunciativa em uma notícia jornalística. *Alfa*, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 107-116, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4300/3888>. Acesso em: 29/05/2018.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso*: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i19.463>
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. Trad. de Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i12.518>
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Betânia Mariani et. al. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. p. 311-318. <https://doi.org/10.1590/s0103-37862007000300001>
- PEREIRA Jr., Nelson Soares; TELLES, Adriana Pedreira. O Ethos da Marca: análise da publicidade no processo de construção das marcas contemporâneas. *Educação, Cultura e Comunicação*, Lorena, v. 8, n. 16, p. 97-109, 2017. Disponível em: <http://publicacoes.fatec.br/index.php/eecom/article/view/1903>. Acesso em: 29 maio 2018. <https://doi.org/10.20946/rad.v12i1.2937>
- OLIVEIRA, Camilla Cunha Muniz de. *Zé Lador, o “boneco-cidadão”, e os sentidos produzidos no Jornal Extra*. 2011. 69f. Monografia (Jornalismo) – Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3788/1/COliveira.pdf>. Acesso em: 29 maio 2018. <https://doi.org/10.5753/ersirj.2018.4649>
- ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Dispositivos da Análise Institucional para a explicitação da dimensão política das práticas discursivas. *Moara*, [S. l.], v. 47, n. 1, p. 108-127. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/5281/4452> Acesso em: 27 maio 2018. <https://doi.org/10.18542/moara.v1i47.5281>
- ROCHA, Décio. Cartografias em análise do discurso: rearticulando as noções de gênero e cenografia. *Delta*, São Paulo, v. 29, n.1, p. 135-159, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v29n1/07.pdf>. Acesso em: 22 maio 2018. <https://doi.org/10.1590/s0102-44502013000100007>
- SANT’ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul*: heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade. São Paulo: EDUC, 2004.

Recebido em: 31/5/2018.

Aprovado em: 18/9/2019.

Publicado em: 30/11/2019.

Autores:

GUSTAVO ESTEF LINO DA SILVEIRA

Doutorando e professor assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5591-7690>

E-mail: gutolino@oi.com.br

POLIANA COELI COSTA ARANTES

Doutora, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4880-5767>

E-mail: polianacoeli@yahoo.com.br

BRUNO DEUSDARÁ

Doutor, professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0429-8580>

E-mail: brunodeusdara@gmail.com

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

20550-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Só o Zé Lador se lembra deles

Moradores da Rua Viriato Correa, em Japeri, reclamam do abandono da via, que tem esgoto a céu aberto e buracos

Clara Bittencourt
falabaxada@extra.inf.br

► Os buracos, a lama e o cheiro forte de esgoto denunciam o abandono da Rua Viriato Correa, no bairro Santa Amélia, em Engenheiro Pedreira,

Japeri. E as reclamações dos moradores são muitas.

— A rua está totalmente abandonada e ninguém atende nossos pedidos de socorro — reclama o motorista Jorge Gouvêa, de 40 anos.

Os moradores constantemente reclamam com a prefeitura, mas nada é feito para melhorar, nem paliativos, de acordo com ele:

— Quando passa funcionário por aqui sempre perguntamos se não vão fazer obras. A resposta é sempre negativa.

E, para piorar, na via tem uma enorme vala.

— Precisamos de saneamento básico. Muitas crianças moram aqui e brincam no esgoto — alerta Jorge.

Em dias de chuva, transitar no local é uma tarefa praticamente impossível:

— Ou ficamos em casa ou colocamos sacos plásticos nos pés. A lista de problemas é imensa...

A Secretaria de Obras de Japeri informou ao nosso herói que enviará uma equipe de técnicos até a Rua Viriato Correa para avaliar a situação do local e tomar as providências necessárias. ▮



A vala negra na rua: as crianças costumam brincar no local

Anexo B – Notícia 2, publicada em 4 de maio de 2015.

extra.globo.com Segunda-feira, 4 de maio de 2015

Serviço

Asfalto fica só na promessa

Moradores da Rua Jequitai reclamam que autoridades só aparecem na época da eleição. Depois, esquecem a região

Clara Bittencourt
falababuada@extra.inf.br

Os moradores da Rua Jequitai, no bairro de Campos Elíseos, em Duque de Caxias, dizem que só são lembrados

mesmo durante o período de eleição. Atualmente, a situação da via não é nem um pouco animadora.

— Só prometem e não recebemos nenhum benefício.



Para cruzar a via, moradores usam sacos de plástico nos pés

Até ensaiaram uma obra, trocaram as manilhas e colocaram pó de pedra. Mas na primeira chuva foi tudo embora e só ficou a lama de lembrança — conta o pedreiro Hilton Cordeiro, de 72 anos.

O nosso herói Zé Lador quis saber como a rua fica em dias de chuva.

— Temos muitas dificuldades para andar. Mesmo com pouca chuva, as condições são horríveis. Precisamos usar sacos plásticos nos pés para conseguir caminhar pela via — comenta o morador.

Nosso incansável superherói foi em busca de uma resposta da prefeitura. De acordo com a Secretaria de Obras de Duque de Caxias, a Rua Jequitai está incluída na programação desta semana da operação tapa buracos do município.

O Zé Lador vai continuar de olho no problema e aguarda uma solução. ✚

Serviço

O ‘lama jato’ do Transmontano

Moradores de Japeri contam que não adianta lavar o carro. Prefeitura diz que enviará equipe

Clara Bittencourt
falabaixada@extra.inf.br

► “Nem adianta lavar o carro, porque a gente já sabe que vai sujar de lama de novo”. O desabafo é do estudante Diego Sousa, de 19 anos.

De acordo com ele, a Rua

Gago Coutinho, no Jardim Transmontano, em Japeri, não tem asfalto e está numa situação de dar pena.

— Para sair de casa, só com saco plástico nos pés. A gente corre até risco de escorregar e se machucar — comenta

Diego com o super-herói do EXTRA: — E ainda tem os buracos. É uma aventura.

Outro problema da rua é a falta de calçadas.

— No lugar da passagem, o que os moradores têm é matagal — reclama o estudante: — A Prefeitura de Japeri não faz limpeza há muito tempo.

Segundo Diego, no ano passado começaram uma obra no bairro, mas a Gago Coutinho ficou esquecida:

— Colocaram pavimentação só nos primeiros 50 metros, mais ou menos. O resto ficou na terra mesmo. E nós, com o pé na lama.

Ele espera que, com a ajuda do Zé Lador, a situação, pelo menos, seja amenizada:

— Precisamos de ajuda!

A Secretaria municipal de Obras informou que enviará ao local, esta semana, uma equipe de técnicos para avaliar a situação da rua e tomar as providências necessárias para resolver os problemas dos moradores. ▮



Além da lama, a Rua Gago Coutinho está cheia de buracos